



JACQUES LE GOFF

História e memória



**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA CENTRAL-UNICAMP**

L525h Le Goff, Jacques, 1924
História e memória / Jacques Le Goff; tradução Bernardo Leitão
... [et al.] -- Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990.
(Coleção Repertórios)

Tradução de: Storia e memoria.

1. Historiografia. I. Título.

ISBN 85-268-0180-5 20. CDD – 907.2

Índice para catálogo sistemático:
1. Historiografia 907.2

Coleção Repertórios

Copyright©1990 Storia e Memória Giulio Einaudi
Editora; Sp. A

Projeto Gráfico
Camila Cesarino Costa
Eliana Kestenbaum

Editoração
Sandra Vieira Alves

Adaptação da Edição Portuguesa
Maria Clarice Samnpaio Villac

Revisão
Alzira Dias Sterque
Marta Maria Hanser

Composição
Gimar Nascimento Saraiva

Montagem
Nelson Norte Pinto

1990
Editora da Unicamp
Rua Cecílio Feltrin, 253
Cidade Universitária – Barão Geraldo
CEP 13083 – Campinas – SP – Brasil
Tel.: (0192) 39.3157

SUMÁRIO

Prefácio	04
História	13
Antigo/Moderno	149
Passado/Presente	179
Progresso/Reação	204
Idades Míticas	246
Escatologia	281
Decadência	325
Memória	366
Calendário	420
Documento/Monumento	462

Esta obra foi digitalizada pelo grupo Digital Source para proporcionar, de maneira totalmente gratuita, o benefício de sua leitura àqueles que não podem comprá-la ou àqueles que necessitam de meios eletrônicos para ler. Dessa forma, a venda deste e-book ou até mesmo a sua troca por qualquer contraprestação é totalmente condenável em qualquer circunstância. A generosidade e a humildade é a marca da distribuição, portanto distribua este livro livremente.

Após sua leitura considere seriamente a possibilidade de adquirir o original, pois assim você estará incentivando o autor e a publicação de novas obras.



<http://groups.google.com.br/group/digitalsource>

http://groups.google.com/group/Viciados_em_Livros

PASSADO/PRESENTE

[pg. 203]

A distinção entre passado e presente é um elemento essencial da concepção do tempo. É, pois, uma operação fundamental da consciência e da ciência históricas. Como o presente não se pode limitar a um instante, a um ponto, a definição da estrutura do presente, seja ou não consciente, é um problema primordial da operação histórica. A definição do período contemporâneo nos programas escolares de história é um bom teste para esta definição do presente histórico. Ela é reveladora, para os Franceses, do lugar desempenhado pela Revolução Francesa na consciência nacional, pois na França a História Contemporânea começa oficialmente em 1789. Pressentem-se todas as operações, conscientes ou inconscientes, que esta definição do corte passado/presente supõe, a nível coletivo. Reencontramos cortes ideológicos deste tipo na maior parte dos povos e das nações. A Itália, por exemplo, conheceu dois pontos de partida do presente que constituem um elemento importante da consciência histórica dos italianos de hoje: o Renascimento e a queda do fascismo [Romano, 1977]. Mas esta definição do presente, que é, de fato, um programa, um projeto ideológico, defronta-se muitas vezes com o peso de um passado muito mais complexo. Gramsci escreveu sobre as origens do Renascimento: "Na Itália, a tradição da universalidade romana e medieval põe entraves ao desenvolvimento das forças nacionais (burguesas), para além do domínio [pg. 204] puramente econômico-municipal, isto é, as "forças" nacionais só se tomam uma "força" nacional depois da Revolução Francesa e da nova posição que o papado ocupa na Europa [1930-32, pp. 589-90; cf. Galasso, 1967]. A Revolução Francesa (tal como a conversão de Constantino, a Hégira ou a Revolução Russa de 1917) torna-se, primeiro, numa fronteira entre passado e presente e, em seguida, entre um antes e um depois. A observação de Gramsci permite avaliar em que medida a relação com o passado, a que Hegel chamava o "fardo da história", é mais pesada para uns povos, que para outros [Le Goff, 1974]. Mas a ausência de um passado conhecido e reconhecido, a míngua de um passado, pode também ser fonte de grandes problemas de mentalidade ou identidade coletivas: é o caso das jovens nações, principalmente das africanas [Assorodobraj, 1967]. Os Estados Unidos constituem um caso complexo, onde se combinam a frustração de um passado remoto, as diferentes contribuições, por vezes opostas, dos vários tipos de população pré-americana (principalmente européia), os diversos componentes étnicos da população norte-americana, em que a exaltação dos

acontecimentos relativamente recentes da história americana (Guerra da Independência, Guerra da Secessão, etc.) são hipostasiados num passado mitificado e, conseqüentemente, estão sempre ativamente presentes enquanto mitos [Nora, 1966].

Os hábitos de periodização histórica levam, assim, a privilegiar as revoluções, as guerras, as mudanças de regime político, isto é, a história dos acontecimentos. Encontramos este problema a propósito das novas relações entre passado e presente, que a chamada "nova" história procura hoje estabelecer. Por outro lado, a definição oficial, universitária e escolástica da História Contemporânea, em alguns países, como a França, obriga-nos atualmente a falar de uma "História do presente" para falar do passado mais recente, o presente histórico [Nora, 1978].

A distinção passado/presente que aqui nos ocupa é a que existe na consciência coletiva, em especial na consciência social histórica. Mas torna-se necessário, antes de mais nada, chamar a atenção para a pertinência desta posição e evocar o par passado/presente em outras perspectivas, que ultrapassam as da memória coletiva e da História. [pg. 205]

De fato, a realidade da percepção e divisão do tempo em função de um antes e um depois não se limita, a nível individual ou coletivo, à oposição presente/passado: devemos acrescentar-lhe uma terceira dimensão, o futuro. Santo Agostinho exprimiu, com profundidade, o sistema das três visões temporais ao dizer que só vivemos no presente, mas que este presente tem várias dimensões, "o presente das coisas passadas, o presente das coisas presentes, o presente das coisas futuras" [*Confessions*, XI, 20-26].

Importa também, antes de considerar a oposição passado/presente no quadro da memória coletiva, ter em mente o que ela significa em outros domínios: o da psicologia e, principalmente, o da psicologia infantil e da lingüística.

1. A oposição passado/presente em psicologia

Seria errado transpor os dados da psicologia individual para o campo da psicologia coletiva e, mais ainda, comparar a aquisição do domínio do tempo pela criança com a evolução dos conceitos de tempo através da história. A evocação destes domínios pode, no entanto, fornecer algumas indicações gerais, que esclarecem, metaforicamente, alguns aspectos da oposição passado/presente a nível histórico e coletivo.

Para a criança, "compreender o tempo é libertar-se do presente(...)"; "não só

antecipar o futuro, em função de regularidades inconscientemente estabelecidas no passado, mas desenvolver uma sucessão de *estádios*, nenhum dos quais é semelhante aos outros e cuja conexão só se poderia estabelecer por movimentos cada vez mais próximos, sem fixação nem repouso" [Piaget, 1946].

Compreender o tempo "é essencialmente dar provas de reversibilidade". Nas sociedades, a distinção do presente e do passado (e do futuro) implica essa escalada na memória e essa libertação do presente que pressupõem a educação e, para além disso, a instituição de uma memória coletiva, a par da memória [pg. 206] individual. Com efeito, a grande diferença é que a criança – não obstante as pressões do ambiente exterior – forma em grande parte a sua memória pessoal, enquanto que a memória social histórica recebe os seus dados da tradição e do ensino, aproximando-se porém do passado coletivo (cf. o artigo "Memória", neste volume da *Enciclopédia*) enquanto construção organizada: "Através do jogo desta organização, o nosso horizonte temporal consegue desenvolver-se muito além das dimensões da nossa própria vida. Tratamos os acontecimentos que a história do nosso grupo social nos fornece, tal como tínhamos tratado a nossa própria história. Ambas se confundem: a história da nossa infância e a das nossas primeiras recordações, mas também a das recordações dos nossos pais, e é a partir de umas e outras que se desenvolve esta parte das nossas perspectivas temporais" [Fraisse, 1967, p. 170].

Finalmente – o que não é automaticamente transponível ao domínio da memória coletiva, mas mostra bem que a divisão do tempo pelo homem é um sistema de três direções e não apenas duas –, a criança progride simultaneamente no processo de localização no passado e no futuro [Malrieu, 1953].

A patologia das atitudes individuais em face do tempo mostra que o comportamento "normal" é um equilíbrio entre a consciência do passado, do presente e do futuro, com algum predomínio da polarização para o futuro, temido ou desejado.

A polarização no presente, típica da criança muito pequena, que "reconstitui o próprio passado em função do presente" [Piaget, em Bringuier, 1977, p. 178], do débil mental, do maníaco, do ex-deportado cuja personalidade foi perturbada, encontra-se em geral nos velhos e nos indivíduos que sofrem da mania de perseguição e temem o futuro. O exemplo mais clássico é o de Rousseau, ao recordar nas *Confessions* que a sua imaginação exaltada, que só lhe fazia prever cruéis futuros, o levava a refugiar-se no presente: "O meu coração, inteiramente mergulhado no presente, não preenche toda a sua capacidade, todo o seu espaço" [1765-76].

A oposição entre orientação para o presente e orientação para o passado serve de base a uma das grandes clivagens da caracteriologia [pg. 207] de Heymans e Le Senne, que consideram a primariedade, no primeiro caso, e, no segundo caso, a secundariedade, estruturas do caráter humano [Fraisse, 1967, p. 199].

Em outros doentes, a angústia face ao tempo assume a forma de uma fuga para o futuro, ou de um refúgio no passado. O caso de Marcel Proust é exemplar na literatura.

2. Passado/presente à luz da linguística

O estudo das línguas oferece-nos outro testemunho cujo valor reside, por um lado, no fato de a distinção passado/presente (futuro), que tem um caráter natural, nelas desempenhar um papel importante, sobretudo nos verbos, e, por outro lado, no fato de a língua ser um fenômeno duplamente originado na história coletiva: ela evolui – inclusive na própria expressão das relações de tempo através das épocas – e está estritamente ligada à tomada de consciência da identidade nacional no passado. Segundo Michelet, a história da França "começa com a língua francesa".

Primeira constatação: a distinção passado/presente (futuro), embora pareça natural, não é, de fato, universal em linguística. Ferdinand de Saussure já o notara: "A distinção dos tempos, que nos é familiar, é estranha a certas línguas; o hebreu nem sequer conhece o que existe entre passado, presente e futuro. O protogermânico não tem forma própria para o futuro... As línguas eslavas distinguem regularmente dois aspectos do verbo: o perfeito, que representa a ação na sua totalidade, como um ponto fora de todo o devir, e o imperfeito, que a mostra enquanto se faz e na linha do tempo" [1906, II, p. 162]. A linguística moderna retoma a constatação: "Parte-se do falso princípio de que a tríplice oposição dos tempos é um traço universal da linguagem" [Lyons, 1968].

Alguns lingüistas insistem na construção do tempo na expressão verbal, que vai muito além dos aspectos verbais e diz respeito ao vocabulário, à frase e ao estilo. Fala-se por vezes de [pg. 208] cronogênese [Guillaume, 1929]. Reencontra-se a idéia fundamental do passado e do presente como construção, organização lógica, e não como dado bruto.

Joseph Vendriès insistiu muito nas insuficiências da categoria gramatical do tempo e nas inseqüências que o uso dos tempos manifesta em todas as línguas. Faz notar que, por exemplo, "é tendência geral da linguagem empregar o presente com a função de futuro ['vou lá' = 'irei lá']... O passado pode também ser expresso pelo

presente. Nas narrações usa-se com freqüência o que se designa por presente histórico [e também o futuro histórico: "Em 410 os bárbaros chegarão a Roma"]... Inversamente, o passado pode servir para exprimir o presente [é o caso do aoristo no grego antigo: aoristo gnômico]... Em francês, o condicional passado pode ser usado com sentido de futuro: "Se me tivesse sido confiado este trabalho, depressa o teria acabado" [Vendriès, 1921, ed. 1968, pp. 118-21]. A distinção passado/presente (futuro) é maleável e está sujeita a múltiplas manipulações.

O tempo da narração constitui um local de observação particularmente interessante. Harold Weinrich [1971] sublinhou a importância de se *pôr em relevo* este ou aquele tempo, na narração. Utilizando um estudo de De Felice [1957] sobre textos da Idade Média, chamou a atenção para *l'attacco di racconto*, distinguindo, por exemplo, um início em *Foi* (Houve) de um início em *Era* (Havia). O passado não é só passado, é também, no seu funcionamento textual, anterior a toda a exegese, portador de valores religiosos, morais, civis, etc... É o passado fabuloso do conto "Era uma vez..." ou "Naquele tempo...", ou o passado sacralizado dos Evangelhos: "In illo tempore...".

André Miquel ao estudar, à luz das idéias de Weinrich, a expressão do tempo num conto de *As mil e uma noites*, verifica que aí é posto em destaque um tempo do árabe, *o mudî*, que exprime o passado, o perfeito, o acabado, em relação a um tempo subordinado, *o mudari*, tempo da concomitância do hábito, que exprime o presente ou o imperfeito.

Pois que o passado é uma autoridade, Miquel [1977] pode servir-se dessa análise para mostrar que este conto tem como função contar aos árabes desapossados uma história de árabes [pg. 209] triunfantes, e apresentar-lhes um passado concebido como fonte, fundamento, garantia de eternidade.

A gramática histórica pode também evidenciar a evolução do emprego dos tempos do verbo e das expressões lingüísticas temporais, como elementos reveladores da evolução das atitudes coletivas perante o passado, enquanto fator social ou histórico. Brunot [1905] tinha assinalado que, por exemplo, no francês antigo (século IX-XIII) havia uma grande confusão entre os tempos; de uma certa indistinção entre passado, presente e futuro, dos séculos XI a XIII, assiste-se ao progredir do imperfeito e que, em contrapartida, no francês médio (séculos XIV-XV) existia uma determinação mais nítida da função exata dos tempos. Também Paul Imbs [1956] sublinha que a linguagem, ao longo da Idade Média, pelo menos na França, torna-se cada vez mais clara, cada vez mais diferenciada relativamente à expressão da coincidência, da

simultaneidade, da posterioridade, da anterioridade, etc. Refere também diferentes maneiras de conhecer e exprimir a relação passado/presente, variável com as classes sociais; o tempo dos filósofos, teólogos e poetas oscila entre o fascínio do passado e o impulso para a salvação futura – tempo de decadência e de esperança; o tempo do cavaleiro é um tempo de velocidade, mas que facilmente se torna circular, confundindo os tempos; o do camponês é um tempo de regularidade e de paciência, de um passado em que se procura manter o presente; sendo o tempo dos burgueses, como é natural, aquele que, para além de distinguir passado/presente (futuro), se orienta deliberadamente para o futuro.

Émile Benveniste [1965] estabelece uma importante distinção entre: a) tempo *físico*, "contínuo, uniforme, infinito, linear, divisível à vontade"; b) tempo *cronológico* ou "tempo de acontecimentos" que, socializado, é o tempo do calendário; c) tempo *lingüístico*, que "tem o próprio centro no presente da instância da palavra", o tempo do locutor: "O único tempo inerente à língua e o presente axial do discurso e... tal presente é implícito. Isto determina outras duas referências temporais, que estão necessariamente explicitadas num significante e fazem aparecer o presente à sua volta como uma linha de separação entre o que já não é presente e o que irá sê-lo. Estas duas referências não são [pg. 210] próprias do tempo, mas, de pontos de vista sobre ele, sendo projetadas para trás ou para frente, a partir do momento presente".

Ora, o tempo histórico, porque não se exprime 'á maior parte das vezes em termos narrativos, ao nível do historiador ou ao da memória coletiva, comporta uma referência constante ao presente, uma focalização implícita no presente. Isto é acima de tudo válido para a história tradicional, que durante muito tempo foi, preferencialmente, uma história-conto, uma narração. Daí a ambigüidade dos discursos históricos que parecem privilegiar o passado, como o programa de Michelet: a história como "ressurreição integral do passado".

3. Passado/presente no pensamento selvagem

A distinção passado/presente nas sociedades "frias", para retomar a linguagem de Claude Lévi-Strauss, é mais fraca que nas sociedades "quentes" e, ao mesmo tempo, de natureza diferente.

Mais fraca, porque a referência essencial ao passado é a de um tempo mítico, criação, idade do ouro (cf. o artigo "Idades míticas" neste volume da *Enciclopédia*) e o

tempo que se supõe ter decorrido entre tal criação e o presente é em geral muito "simplificado".

Diferente, porque é "próprio do pensamento selvagem ser atemporal; ele quer apreender o mundo como totalidade simultaneamente sincrônica e diacrônica" [Lévi-Strauss, 1962, p. 348].

O pensamento selvagem, no que se refere a mitos e rituais, estabelece uma relação peculiar entre passado e presente: "A história mítica tem o paradoxo de ser ao mesmo tempo disjuntiva e conjuntiva, em relação ao presente... Graças ao ritual, o passado "disjuntivo" do mito articula-se, por um lado, com a periodicidade biológica e sazonal, e por outro, com o passado "conjuntivo" que, ao longo das gerações, une os mortos e os vivos" [ibid, p. 313]. **[pg. 211]**

A propósito de algumas tribos australianas distinguem-se os ritos histórico-comemorativos, que "recriam a atmosfera sagrada e benéfica dos tempos míticos – 'época do sono', dizem os australianos –, que refletem, como num espelho, os protagonistas e os seus altos feitos e que transferem o passado para o presente" e os ritos de luto, que correspondem "a um procedimento inverso: em lugar de confiarem a homens vivos o encargo de personificarem longínquos antepassados, estes ritos asseguram a reconversão em antepassados de homens que acabaram de morrer" e, por consequência, transferem o "presente para o passado", [ibid., p. 314]. Nos Samo do Alto Volta os ritos da morte, que se procura atrasar mediante sacrifícios, revelam "uma certa concepção de um tempo imanente, não-sujeito às regras da subdivisão cronológica" [Héritier, 1977, p. 59], ou melhor, "de temporalidades relativas" [ibid., p. 78].

Nos Nuer, como em muitos "primitivos", o tempo é medido por classes de idade; um primeiro tipo de passado refere-se aos pequenos grupos e dilui-se rapidamente "em remotos tempos misteriosos, num outrora longínquo" [Evans-Pritchard, 1940]; um segundo tipo de passado constitui o "tempo histórico"... "seqüência de acontecimentos significantes para uma tribo" (inundações, epidemias, fomes, guerras) [ibid.], muito anterior ao tempo histórico dos pequenos grupos, mas que se limita, sem dúvida, a uma cinquentena de anos; vem depois um. "plano das tradições, onde alguns elementos da realidade histórica se incorporam num complexo mitológico", e mais "estende-se o horizonte do mito puro", onde se confundem "o mundo, os povos, as civilizações que existiram todas ao mesmo tempo no mesmo passado imemoriável. Para os Nuer, a dimensão do tempo é pouco profunda. A história válida termina um século atrás e as tradições conduzem-nos, na melhor das hipóteses, até dez ou doze gerações na estrutura

da linhagem... Poderemos avaliar a falta de profundidade do tempo Nuer se soubermos que a árvore, de quem a humanidade recebeu o ser, estava ainda viva, há alguns anos, a oeste do país Nuer!" [ibid., pp. 159-60].

Nos Azanda "presente e futuro sobrepõem-se de tal modo que o presente participa, por assim dizer, do futuro" [Evans Pritchard, 1937]. Os seus oráculos, muito praticados, contêm já [pg. 212] o futuro. Mas no seio do pensamento selvagem, profundamente sincrônico, está oculto o sentido de um passado histórico. LéviStrauss julga poder identificá-lo nos Aranda da Austrália Central, através dos churinga, "objetos em pedra ou madeira, de forma aproximadamente oval, com extremidades pontiagudas ou arredondadas, freqüentemente semeadas de signos simbólicos..." [Lévi-Strauss, 1962], nos quais vê notáveis analogias com os nossos documentos de arquivo. "Os churinga são os testemunhos palpáveis do período mítico... Se perdêssemos os arquivos, o nosso passado não seria, por isso, abolido: seria privado daquilo a que podemos chamar o seu sabor diacrônico. Continuará ainda a existir como passado, mas preservado apenas nas reproduções, em livros, instituições, mesmo numa ou outra situação, todos contemporâneos ou recentes. Por conseguinte, também ele seria reduzido à sincronia" [ibid.].

Em certos povos da Costa do Marfim a consciência de um passado histórico já se encontra desenvolvida lado a lado com uma multiplicidade de tempos diversos. Os Guéré têm, assim, cinco categorias temporais: 1) o tempo mítico, tempo do antepassado mítico; entre ele e o primeiro avô real existe um abismo; 2) o tempo histórico, espécie de canção de gesta do clã; 3) o tempo genealógico, que pode abranger mais de dez gerações; 4) o tempo vivido, que se subdivide em tempo antigo, um tempo muito duro, de guerras tribais, fome, insânia; tempo da colonização, libertador e ao mesmo tempo escravizante; tempo da independência, paradoxalmente sentido como tempo de opressão, em consequência da modernização; 5) o tempo projetado, tempo da imaginação do futuro.

4. Reflexões de caráter geral sobre passado/presente na consciência histórica

Eric Hobsbawm [1972] levantou o problema da "função social do passado", entendendo por passado o período anterior aos acontecimentos de que um indivíduo se lembra diretamente. [pg. 213]

A maior parte das sociedades considera o passado como modelo do presente.

Nesta devoção pelo passado há, no entanto, fendas através das quais se insinuam a inovação e a mudança.

Qual a parte de inovação que as sociedades admitem na sua ligação com o passado? Só algumas seitas conseguem isolar-se e resistir totalmente à mudança. As sociedades ditas tradicionais, especialmente as camponesas, não são tão estáticas como se julga. Se a ligação ao passado pode admitir novidades e transformações, na maior parte dos casos o sentido da evolução é apercebido como decadência ou declínio. A inovação aparece em uma sociedade sob a forma de um regresso ao passado: é a idéia-força das "renascenças".

Muitos movimentos revolucionários tiveram como palavra de ordem e objetivo o regresso ao passado, por exemplo, a tentativa de Zapata de restaurar, no México, a sociedade camponesa de Morelos, no estado em que se encontrava quarenta anos antes, riscando a época de Porfírio Díaz e regressando ao status quo anterior. Não podemos deixar de referir as restaurações simbólicas, como a reconstrução da velha cidade de Varsóvia, tal como se encontrava antes das destruições da Segunda Guerra Mundial. A reivindicação de um regresso ao passado deriva novas iniciativas: o nome 'Gana' transfere a história de uma parte da África para outra, geograficamente afastada e historicamente diferente. O movimento sionista não deu origem à restauração da antiga Palestina judaica, mas a um estado completamente novo: Israel. Os movimentos nacionalistas, do nazismo ao fascismo, que tendem a instaurar uma ordem completamente nova, apresentam-se como arcaizantes e tradicionalistas. O passado só é rejeitado quando a inovação é considerada inevitável e socialmente desejável. Quando e como as palavras 'novo' e 'revolucionário' se tornaram sinônimas de 'melhor' e 'mais desejável'? Dois problemas específicos são os que se referem ao passado, como genealogia e cronologia. Os indivíduos que compõem uma sociedade sentem quase sempre a necessidade de ter antepassados; é esta uma das funções dos grandes homens. Os costumes e o gosto artístico do passado são muitas vezes adotados pelos revolucionários. A cronologia mantém-se essencial para o sentido moderno, histórico, do passado pois que a história é uma mudança orientada. Coexistem cronologias históricas e não-históricas [pg. 214] e temos de admitir a persistência de formas diferentes de sentido do passado. Nadamos no passado como peixes na água e não podemos escapar-lhe [Hobsbawm, 1972]. François Châtelet, por seu lado, ao estudar o nascimento da história na Grécia antiga, definiu previamente os traços característicos do "espírito histórico". Começa por apresentar o passado e o presente como categorias

idênticas e simultaneamente diferenciadas:

a) "O espírito histórico acredita na *realidade* do passado e considera que o passado, tal como é, e até certo ponto, no seu conteúdo, não é, por natureza, diferente do presente. Ao reconhecer o passado como já *tendo existido*, considera que o que aconteceu outrora existiu, teve um lugar e uma data, exatamente da mesma maneira que o que existe, que este acontecimento que hoje tenho debaixo dos olhos... Isto significa que não é permitido, de forma alguma, tratar o acontecido como fictício ou irreal, que a não-atualidade do que teve lugar (ou terá) não pode ser identificada com a sua não-realidade!" [1962, I, p. 11];

b) O passado e o presente são não só diferenciados, como por vezes se opõem: "Se o passado e o presente pertencem à esfera do *mesmo*, estão também na esfera da alteridade. Se é um fato que o acontecimento passado está acabado e que esta dimensão o constitui fundamentalmente, também é verdade que "a sua qualidade de passado" o diferencia de qualquer outro acontecimento que se lhe pudesse assemelhar. A idéia de que há repetições (*res gestae*) na história... que "não há nada de novo sob o sol" ou mesmo de que há lições do passado, só tem sentido para uma mentalidade não-histórica" [ibid., I, p. 12].

c) Finalmente, a história, ciência do passado, deve recorrer a métodos científicos de estudo do passado. "É indispensável que o passado, considerado como real e decisivo, seja estudado seriamente: na medida em que os tempos passados são considerados dignos de atenção e lhes é atribuída uma estrutura, em que lhes são dados traços atuais, todo o discurso significativo do passado deve poder estabelecer claramente por que razão – em função de quais documentos e testemunhos – ele dá, de uma dada sucessão de acontecimentos, uma versão e não outra. Convém principalmente que a datação e localização do acontecimento seja muito cuidada, tanto mais que o passado só adquire [pg. 215] caráter histórico na medida em que recebe semelhantes determinações" [ibid., pp. 21-22].

"A preocupação de precisão, no estudo do que outrora aconteceu, só no princípio do século passado aparece claramente" com "o impulso decisivo dado por L. von Ranke", professor da Universidade de Berlim entre 1825 e 1871 [ibid., p. 22].

5. Evolução da relação passado/presente no pensamento europeu da Antiguidade grega ao século XIX

Podemos esquematizar as atitudes coletivas perante o passado, o presente (e o futuro) ao dizermos que na Antiguidade pagã predominava a valorização do passado, paralelamente à idéia de um presente decadente; que na Idade Média, o presente está encerrado entre o peso do passado e a esperança de um futuro escatológico; que no Renascimento, o investimento é feito no presente e que, do século XVII ao XIX, a ideologia do progresso volta para o futuro a valorização do tempo. (Apenas se encontrará aqui uma evocação esquemática das atitudes perante o passado e o presente. Ver os artigos "Antigo/moderno", "Escatologia", "Idades míticas", "Memória", "Progresso/reação", "Decadência", "História", nesta mesma *Enciclopédia*).

O sentimento do tempo, na cultura grega, volta-se para o mito da Idade do Ouro e para as recordações da época heróica. O próprio Tucídides não vê, no presente, mais que um futuro passado [Romilly, 1947; 1956] e abstrai totalmente do futuro, mesmo quando o conhece, para mergulhar no passado [Finley, 1967]. A historiografia romana está dominada pela idéia de moralidade dos antigos e o historiador romano é sempre, de certo modo, um "laudator temporis acti", para usar a expressão de Horácio. Tito Lívio, por exemplo, que escreveu no contexto da obra de restauração de Augusto, exalta o passado mais remoto e indica, no Proêmio da sua obra, os motivos da decadência, do passado, no presente: "Queria que cada um de vós me seguisse com o espírito, para verdes como, diminuindo pouco a pouco [pg. 216] a disciplina moral, os costumes de outros tempos começam por se relaxar, vão descendo cada vez mais baixo, e, finalmente, desde que se chegou a estes tempos, estão prestes a cair no precipício" [I, 9].

Pierre Gibert, ao estudar na Bíblia as origens da história, pôs em evidência uma das condições necessárias para que a memória coletiva se torne história, o sentido da continuidade, e julga poder identificá-lo com a instituição da monarquia (Saul, David, Salomão): "É à instituição monárquica que Israel deve o sentido da continuidade, em relação ao conhecimento do seu passado; mesmo tendo ela possuído, de certo modo, através do conjunto das suas lendas, o sentido desse passado, mesmo tendo tido uma certa preocupação de exatidão, só com a monarquia aparece o sentido de uma continuidade sem rupturas" [1979, p. 391]. Mas com a Bíblia a história hebraica está, por um lado, fascinada pelas suas origens (criação, a aliança de Yavéh com o seu povo) e, por outro, voltada para um futuro igualmente sagrado: a vinda do Messias e da Jerusalém celeste que, com Isaías, se abre a todas as nações.

O Cristianismo, por entre as origens obscuras do pecado original e da queda, e o "fim do mundo", a *parousia*, cuja espera não deve perturbar os cristãos, vai esforçar-se

por centrar a atenção no presente. De S. Paulo a Santo Agostinho até os grandes teólogos da Idade Média, a Igreja procurará orientar o espírito dos cristãos para um presente que, com a encarnação de Cristo, ponto central da história, inicia o fim dos tempos. Mircea Eliade mostrou, através de diversos textos de S. Paulo [*Epístola aos Tessalônicos*, 4,16-17; *Romanos*, 13, II-12; *II Tessalônicos*, 3, 8-10; *Romanos*, 13, 1-7], a ambigüidade desta valorização do presente: "As conseqüências desta valorização ambivalente do *presente* (na espera da *parousia*, a história continua e deve ser respeitada) não deixam de se fazer sentir. Apesar das inúmeras soluções propostas a partir do fim do primeiro século, o problema do *presente histórico* mantém-se, ainda hoje, no pensamento contemporâneo" [Eliade, 1978, p. 336].

De fato, o tempo medieval vai bloquear o presente entre uma retro-orientação para o presente e um futuro-tropismo, especialmente acentuado no milenarismo (cf. o artigo "Escatologia"). [pg. 217] A Igreja, ao reprimir ou condenar os movimentos milenaristas, favorecia a tendência para privilegiar o passado, reforçada pela teoria das seis idades do mundo, segundo a qual o mundo teria entrado na sexta e última idade, a da decrepitude, da velhice. No século XII Guillaume de Conches declarava que não passamos de comentadores dos antigos, não inventamos nada de novo. O termo 'antiguidade' (*antiquitas*) era sinônimo de 'autoridade' (*auctoritas*), 'valor' (*gravitas*), 'grandeza', 'majestade' (*maiestas*).

Stelling-Michaud sublinhou que, oscilando entre o passado e o futuro, procuraram viver o presente de modo atemporal num instante que corresponde a um átomo de eternidade [1959, p. 13]. Santo Agostinho a isso exorta os cristãos nas *Confissões* e na *Cidade de Deus*: "Quem o parará, a este pensamento (flutuante, ao sabor das ondulações do passado e do futuro), quem o imobilizará, para lhe dar um pouco de estabilidade, para o abrir à intuição do esplendor da eternidade sempre imóvel?" [*Confissões*, XI, 13]. E ainda: "*Os anos são como um só dia...* e o teu hoje não dá lugar a um amanhã, tal como não sucede a um ontem. O teu hoje é a eternidade..." [ibid., 13-16]. Ou ainda: "Comparada com um momento da eternidade, a mais longa duração não é nada" [*De civitate Dei*, XII, XII].

Dante exprimirá magnificamente esta idéia [*Paraíso*, XXXIII, vv. 94-96] com a ajuda da imagem do *ponto*, como esclarecimento da eternidade: "Un punto solo m'è maggior letargo/che venticinque secolì a Ia 'empresa/ che fé Nettuno ammirar l'ombra d'Argo".

Também os artistas da Idade Média revelam atração pelo passado, o tempo mítico

do Paraíso, a procura do momento *privilegiado*, que arrasta para o futuro a salvação ou a danação. Estes artistas procuraram fundamentalmente exprimir o atemporal. Movidos por um "desejo de eternidade" recorreram com frequência ao símbolo, que faz comunicar as diferentes esferas: o passado, o presente e o futuro. O Cristianismo é uma religião da intercepção [cf. Morgan, 1966].

O presente é também saboreado pelo homem da Idade Média, que atualiza constantemente o passado, nomeadamente o passado bíblico. O homem da Idade Média vive num constante anacronismo, ignora a cor, reveste as personagens da Antiguidade [pg. 218] de hábitos, sentimentos e comportamentos medievais. Os cruzados acreditavam que iam a Jerusalém vingar os verdadeiros carrascos de Cristo. Mas talvez possamos dizer: "O passado não é estudado enquanto passado; ele é revivido e incorporado no presente" [Rousset, 1951, p. 631]? O presente já não é absorvido pelo passado, pois só este lhe dá sentido e significado?

Mas, no final da Idade Média, o passado é apreendido cada vez mais através do tempo das crônicas, dos processos de datação e medição do tempo, marcado pelos relógios mecânicos. "Passado e presente distinguem-se na consciência da Baixa Idade Média, não só através do seu aspecto histórico, mas através de uma sensibilidade dolorosa e trágica" [Glasser, 1936, p. 95]. O poeta Villon encara tragicamente essa fuga do tempo, esse afastamento irremediável do passado.

O Renascimento parece ser percorrido por duas tendências contraditórias. Por um lado, os progressos feitos na medição, datação e cronologia permitem uma perspectiva histórica do passado [Burke, 1969]. Por outro lado, o sentido trágico da vida e da morte [Tenenti, 1957] pode conduzir ao epicurismo, à fruição do presente que os poetas exprimem, desde Lorenzo, o Magnífico, a Ronsard: "Però, donne gentil, giovani adorni,/ che vi state a cantare in questo loco, / spendete lietamente i vostri giorni,/ ché giovinezza passa a poco a poco" [Lorenzo, il Magnifico, *Canzoni a bailo*, IX, vv. 21-24].

O progresso científico a partir de Copérnico e sobretudo com Kepler, Galileu e Descartes, serviu de fundamento ao otimismo iluminista que afirma a superioridade dos modernos sobre os antigos (cf. o artigo "Antigo/moderno", neste volume da *Enciclopédia*) e a idéia de progresso torna-se o fio condutor do historiador que se orienta para o futuro.

O século XIX está dividido entre o otimismo econômico dos partidários do progresso material e as desilusões dos espíritos abatidos pelos efeitos da Revolução e do

Império. O Romantismo volta-se deliberadamente para o passado. O pré-romantismo do século XVIII tinha-se interessado pelas ruínas e pela Antiguidade. O seu grande mestre, Winckelmann, historiador e arqueólogo, propôs como modelo de perfeição a arte greco-romana (*História de arte da Antiguidade (Geschichte der Kunst des Altertums, 1764)*) e lançou uma célebre coleção da [pg. 219] arqueologia, os *Monumenti antichi inediti spiegati ed illustrati*, publicados em Roma no ano de 1767. Foi a época das primeiras escavações em Herculano e Pompéia. A Revolução Francesa consagrou o gosto pela Antiguidade. Chateaubriand com *Le génie dá Christianisme* (1802), Walter Scott com o romance histórico (*Ivanhoé, 1819; Quentin Durward, 1823*), Novalis com o ensaio *A Cristandade e a Europa (Die Christenheit oder Europa, 1826)* contribuíram para orientar para a Idade Média o gosto pelo passado. É o grande momento da moda *troubadour* no teatro, na pintura, na água-forte, na gravura em madeira, na litografia. Durante este período, a França revela, nas suas manifestações artísticas, uma verdadeira "manufatura do passado" [Haskell, 1971]. Podemos distinguir então três períodos distintos: em 1792 a abertura (no ex-convento dos grandes-Agostinhos) de um Museu que, em 1796, se transformou no Museu dos Monumentos Franceses e impressionou vivamente muitos dos seus contemporâneos (por exemplo, Michelet, que lá descobriu o passado da França). Em seguida, Napoleão deu grande impulso à pintura histórica, dedicada à história da França. Os quadros que tratavam da história da França passaram de dois, nos *salões* de 1801 e 1802, para oitenta e seis, em 1818. Finalmente, Luís Filipe decidiu, em 1833, restaurar Versailles e transformá-lo num museu dedicado "a todas as glórias da França".

O gosto romântico pelo passado, que alimenta os movimentos nacionalistas europeus do século XIX e foi incrementado pelos nacionalismos, incidiu também sobre a antiguidade jurídica e filosófica e a cultura popular. O melhor exemplo desta tendência é, sem dúvida, a obra dos irmãos Jakob e Wilhelm Grimm, autores dos célebres *Contos para crianças e famílias (Kinder-und Hausmärchen, 1812 ss.)*, da *História da língua alemã (Geschichte der deutschen Sprache, 1848)* e de um *Vocabulário alemão (Deutsches Wörterbuch, 1852 ss.)*.

6. O século XX entre a vivência do passado, a história do presente e o fascínio do futuro

O Milenarismo, longe de ter desaparecido na Europa do século XIX, oculta-se no

seio do próprio pensamento marxista, [pg. 220] que se considera científico, assim como do pensamento positivista: quando Auguste Comte, na *Sommaire appréciation de l'ensemble du passé moderne* (1820), defende a ultrapassagem de um sistema teológico e militar e a aurora de um novo sistema científico e industrial, surge-nos como um novo Joaquim da Fiore.

O século XIX continuou a fazer reviver o passado medieval para além do Romantismo (Graus, 1975).

Contudo, no início do século XX, a crise do progresso que se esboça, determina novas atitudes em face do passado, do presente e do futuro.

A ligação ao passado começa por adquirir formas inicialmente exasperadas, reacionárias; depois, a segunda metade do século XX, entre a angústia atômica e a euforia do progresso científico e técnico, volta-se para o passado com nostalgia e, para o futuro, com temor ou esperança. Entretanto, na esteira de Marx, os historiadores esforçam-se por estabelecer novas relações entre presente e passado.

Marx tinha já denunciado o peso paralisante do passado – de um passado reduzido à exaltação das "memórias gloriosas" – sobre os povos, por exemplo, o Francês: "O drama dos franceses, tal como o dos operários, são as *grandes memórias*. É necessário que os acontecimentos ponham fim, de uma vez por todas, a este culto reacionário do passado" [1870, p. 147], culto que, no fim do século XIX e início do século XX, foi um dos elementos essenciais das ideologias de direita e uma das componentes das ideologias fascistas e nazis.

Ainda hoje, o culto pelo passado se alia ao conservantismo social, identificando-o Pierre Bourdieu com categorias sociais em declínio: "Uma classe ou uma fração de classe está em declínio e, portanto, voltada para o passado, quando já não está à altura de reproduzir, com todas as suas propriedades, condições e posições..." [1979, p. 530].

A aceleração da história, por outro lado, levou as massas dos países industrializados a ligarem-se nostalgicamente às suas raízes: daí a moda *retro*, o gosto pela história e pela arqueologia, o interesse pelo folclore, o entusiasmo pela fotografia, criadora de memórias e recordações, o prestígio da noção de património. [pg. 221]

Também em outros domínios a atenção pelo passado desempenhou um papel importante: na literatura, com Proust e Joyce, na filosofia com Bergson e, finalmente, numa nova ciência, a psicanálise. Nela, o psiquismo é representado como sendo dominado pelas recordações inconscientes, pela história oculta dos indivíduos e, principalmente, pelo passado mais longínquo, o da mais tenra infância. A importância

atribuída ao passado pela psicanálise foi, no entanto, negada, por exemplo, por Marie Bonaparte, citando Freud: "Os processos do sistema inconsciente são atemporais; isto é, não são ordenados temporalmente, nem são modificados pelo tempo que passa, não têm relação nenhuma com o tempo. A relação com o tempo está ligada ao trabalho do sistema consciente" [1939, p. 73].

Jean Piaget faz outra crítica ao "freudismo", o passado que a experiência psicanalítica apreende não é um verdadeiro passado, mas um passado reconstruído: "O que esta operação nos dá é a noção atual do sujeito sobre o passado e não o seu conhecimento direto. E como Erikson afirmou (um psicanalista não-ortodoxo com o qual estou inteiramente de acordo), "o passado aparece reconstruído em função do presente, da mesma forma que o presente é explicado em função do passado. Há uma interação entre eles, enquanto que para o freudismo ortodoxo, é o passado que determina o comportamento atual do adulto. Como se conhece, então, esse passado? Através de recordações que são reconstruídas num contexto, que é o do presente e em função desse mesmo presente" [citado em Bringuier, 1977, p. 181]

Concluindo, a psicanálise freudiana inscreve-se num vasto movimento anti-histórico que tende a negar a importância da relação passado/presente e que tem, paradoxalmente, as suas raízes no positivismo. A história positivista que, através de métodos cada vez mais científicos de datação e crítica de textos, parecia permitir um bom estudo do passado, estava imobilizando a história no acontecimento e a eliminar a temporalidade. Na Inglaterra, a historiografia oxoniense chegava, por outras vias, ao mesmo resultado. O aforismo de Freeman "A história é a política do passado e apolítica é a história do presente" pervertia a relação passado/presente; quando Gardiner declarava que "o que estuda a sociedade do passado prestará grandes serviços à sociedade [pg. 222] do presente na medida em que não a toma em consideração", estava seguindo a mesma orientação [Marwick, 1970, pp. 47-48].

Estas afirmações, ou constituem apenas uma defesa contra o anacronismo e, nesse caso, são banalidades; ou então, são uma ruptura com todas as ligações racionais entre presente e passado. O positivismo teve também outra atitude que, nomeadamente na França, levou à negação do passado que afirmava venerar. É ela o "desejo de eternidade" reaparecido sob forma laica. Tal como Otão de Freising, no século XIV, pensava que com a realização do sistema feudal, controlado pela Igreja, a história atingiria os seus fins e acabaria; também na França se pensava que, depois da Revolução e da República, para além de 1789 e 1880, apenas existiria a eternidade

(como disse com pertinência Alphonse Dupront) "de tal modo a forma republicana consagrava o gênio revolucionário da França". Os manuais escolares pareciam defender que a história tinha atingido então o seu fim e adquirido estabilidade perpétua: "República e França: tais são, meus meninos, os dois nomes que devem manter-se gravados no mais fundo dos vossos corações. Que eles sejam objeto do vosso amor constante e do vosso eterno reconhecimento". Alphonse Dupront acrescenta: "A marca da eternidade está agora sobre a França" [1972, p. 1466].

De modo diferente, os nossos domínios científicos – a psicanálise, a sociologia e o estruturalismo – partem à procura do intemporal e procuram esvaziar o passado. Philip Abrams mostrou que, se os sociólogos (e os antropólogos) se reclamassem do passado, a sua atividade seria na realidade an-histórica: "O essencial não era conhecer o passado, mas fazer uma idéia dele, da qual nos pudéssemos servir como termo de comparação para compreender o presente" [1972, p. 28]. Alguns especialistas de ciências humanas reagem hoje contra esta eliminação do passado. O historiador Jean Chesneaux pôs a seguinte questão: fazemos *tábua rasa* do passado? Esta é a tentação de muitos revolucionários ou de jovens preocupados em se libertarem de todos os constrangimentos, incluindo o do passado. Jean Chesneaux não ignora a manipulação do passado feita pelas classes dominantes. E, por isso, pensa que os povos, em especial os do Terceiro Mundo, deviam "libertar o passado". Mas não podemos rejeitá-lo, [pg. 223] temos é de colocá-lo a serviço das lutas sociais e nacionais: "Se o passado tem importância para as massas sociais é num outro aspecto da vida social, quando se insere diretamente nas suas lutas" [1976]. Esta integração do passado na luta revolucionária ou política estabelece uma confusão entre as duas atitudes que o historiador deve ter perante o passado, mas que deve manter distintas uma da outra: a sua atitude científica de homem do ofício e o seu compromisso político enquanto homem e cidadão.

O antropólogo Marc Augé parte da constatação do aspecto repressivo da memória, da história, da chamada à ordem do passado, ou melhor, do futuro: é "o passado como constrição". Quanto ao futuro, "os messianismos e os profetismos também confirmam o constrangimento ao futuro passado, diferindo a aparição de sinais que exprimem, uma vez chegado o momento, uma necessidade radicada no passado" [1977, p. 149]. Mas "que a história tenha um sentido, é a exigência de toda a sociedade atual... a exigência do sentido passa sempre por um pensamento do passado" [ibid., pp. 151-52]. O que acontece é fazerem-se, em função do presente, re-leituras constantes do passado, que deve sempre poder ser posto em causa.

Este pôr em questão do passado, a partir do presente, é aquilo a que Jean Chesneaux chama "inverter a relação passado/presente" e atribui a sua origem a Marx. Partindo de uma afirmação de Marx nos *Grundrisse* ("A sociedade burguesa é a organização histórica de produção mais diversificada e desenvolvida. As categorias que as relações desta sociedade exprimem e asseguram, a compreensão da sua estrutura, permitem-nos também compreender a estrutura e as relações de produção das sociedades passadas" [1857-58]. Henri Lefebvre observou: "Marx indicou claramente o processo do pensamento histórico. o historiador parte do presente... a sua atuação é, de início, recorrente. Vai do presente ao passado. Daí volta ao presente, que é então melhor analisado e conhecido e já não oferece à análise uma totalidade confusa" [1970].

Marc Bloch propôs também ao historiador, como método, um duplo movimento: compreender o presente pelo passado, compreender o passado pelo presente: "A incompreensão do [pg. 224] presente nasce fatalmente da ignorância do passado. Mas é talvez igualmente inútil esgotar-se a compreender o passado, se nada se souber do presente" [1941-42, p. 47]. Daí a importância da recorrência em história: "Seria um erro grave acreditar que a ordem adotada pelos historiadores nas suas investigações se deve modelar necessariamente pela dos acontecimentos. Para restituir à história o seu verdadeiro movimento, seria muitas vezes proveitoso começar por lê-la "ao contrário", como dizia Maitland" [ibid., p. 48].

Esta concepção das relações passado/presente desempenhou um grande papel na revista "Annales" – fundada em 1929 por Lucien Febvre e Marc Bloch –, que inspirou e deu nome à revista britânica de história "Past and Present", a qual, no primeiro número, em 1952, declarou: "A história não pode, logicamente, separar o estudo do passado, do estudo do presente e do futuro".

O futuro, tal como o passado, atrai os homens de hoje, que procuram suas raízes e sua identidade, e mais que nunca fascina-os. Mas os velhos apocalipses, os velhos milenarismos renascem, alimentados por um novo fortificante, a ciência-ficção: desenvolve-se a futurologia. Filósofos e biólogos trazem contribuições notáveis para a inserção da história no futuro. Por exemplo, o filósofo Gaston Berger perscrutou a idéia de futuro e a atitude prospectiva. Partindo da constatação que "os homens só muito tardiamente têm consciência da significação do futuro" [1964, p. 227] e da frase de Paul Valéry "Entramos no futuro às arrecuas", recomendou uma conversão do passado em futuro e uma atitude perante o passado que não desvie nem do presente, nem do futuro e que, pelo contrário, ajude a prevê-lo e a prepará-lo.

O biólogo Jacques Ruffié, no fim de *De la biologie à la culture*, examina a perspectiva e o "apelo do futuro". Para ele, a humanidade está à beira de um "novo salto evolutivo" [1976, p. 579]. Estamos talvez assistindo ao início de uma transformação profunda das relações do passado com o presente.

A aceleração da história tornou insustentável a definição oficial da História Contemporânea. É necessário fazer nascer uma verdadeira história contemporânea, uma história do presente [pg. 225] que pressupõe que não haja apenas história do passado, que acabe "uma história que assenta num corte nítido do presente e do passado" e que se recuse a "demissão perante o conhecimento do presente, no preciso momento em que este muda de natureza e se enriquece com os elementos de que a ciência se mune para conhecer o passado" [Nora, 1978, p. 468]. [J. Le G.].

[pg. 226] página em branco

Tradução: Irene Ferreira

BIBLIOGRAFIA

[pg. 227]

Abrams, Ph.

1972 *The sense of past and the origins of sociology*, em "Past and Present", n2 55, pp. 18-32.

Assorodobraj, N.

1967 *Le rôle de l'histoire dans la prise de conscience nationale en Afrique occidentale*, em "Africana Bulletin", n° 7, pp. 9-47.

Augé, M.

1977 *Pouvoirs de vie, pouvoirs de mort. Introduction à une anthropologie de la répression*, Flammarion, Paris.

Benveniste, E.

1965 *Le langage et l'expérience humaine*, em "Diogène", n° 51, pp. 3-13.

Berger, G.

1964 *Phénoménologie du temps et prospective*, Universitaires de France, Presses Paris.

Bloch, M.

[1941 -42] *Apologie pour l'histoire ou métier d'historien*, Colin, Paris, 1949 (trad. portuguesa: Europa-América, 3ª ed., Mem-Martins, 1976).

Bonaparte, M.

1939 *L'inconscient et le temps*, em "Revue française de psychanalyse", XI, pp. 61-105.

Bourdieu, P.

1979 *La distinction. Critique sociale du jugement*, Minuit, Paris.

Bringuier, J.-C.

1977 (org.) *Conversations libres avec Jean Piaget*, Laffont, Paris.

Brunot, F.

1905 *Histoire de la langue française dès origines à 1900*, Colin, Paris, 1905.

Burke, P.

1969 *The Renaissance Sense of the Past*, Arnold, London.

[pg. 228]

Châtelet, F.

1962 *La naissance de l'histoire. La formation de la pensée historique en Grèce*, Minuit, Paris.

Chesneaux, J.

1976 *Du passé faisons table rase? A propos de l'histoire et des historiens*. Maspero, Paris.

De Felice, E.

1957 *Problemi di aspetto nei phi antichi testi francesi*, em "Vox Romanica", XVI, pp. 1-51.

Dupront, A.

1972 *Du sentiment national*, em M. François (org.), *La France et les Français*, Gallimard, Paris, pp. 1423-474.

Eliade, M.

1978 *Histoire des croyances et des idées religieuses, II. De Gautama Bouddha au triomphe du christianisme*, Payot, Paris.

Evans-Pritchard, E. E.

1937 *Witchcraft, Oracles and Magic among the Azand*, Clarendon Press, Oxford.

1940 *The Nuer a Description of the Modes of Livelihood and Political Institutions of Nilotic People*, Oxford University Press, London.

Finley, J. H.

1967 *Three Essays on Thucydides*, Harvard University Press, Cambridge, Mass.

Fraisse, P.

1967 *Psychologie du temps*, Presses Universitaires de France, Paris.

Galasso, G.

[1967] *Gramsci e i problemi della storia italiana*, em P. Rossi (org.), *Gramsci e la cultura contemporanea (Convegno internazionale di Cagliari, aprile, 1967)*, Editori Riuniti, Roma, 1969, pp. 305-54.

Gibert, P.

1979 *La Bible à la naissance de l'histoire*, Fayard, Paris.

Glass, R.

1936 *Studien zur Geschichte des französischen Zeitbegriffs*, Hüber, Munique.

Gramsci, A.

[1930-32] *La Romagna e la sua funzione nella storia italiana*, em *Quaderni del carcere*, Einaudi, Turim, 1975, pp. 587-90.

Graus, F.

1975 *Lebendige Vergangenheit. Überlieferung im Mittelalter and in den Vorstellungen vom Mittelalter*, Böhlaus, Colônia-Viena.

Guillaume, G.

1929 *Temps et verbe. Théorie des aspects, des modes et des temps*, Champion, Paris.

Haskell, F.

1971 *The manufacture of the past in XIXth century painting*, em "Past and Present", n° 53, pp. 109-20.

Héritier, F.

1977 *L'identité samo*, em *L'identité. Séminaire dirigé par Claude Lévi-Strauss*, Grasset, Paris, pp. 51-80.

[pg. 229]

Hobsbawm, E. J.

1972 *The social function of the past: some questions*, em "Past and Present", n° 55, pp. 3-17.

Imbs, P.

1956 *Les Propositions temporelles en Ancien Français. La détermination du moment. Contribution à r étude du temps grammatical français*, Faculté des lettres de l'Université de Strasbourg, Estrasburgo.

Lefebvre, H.

1970 *La fin de l'histoire*, Minuit, Paris (trad. portuguesa: Dom Quixote, Lisboa, 1971).

Le Goff, J.

1974 *Il peso del passato nella coscienza collettiva degli itaiiani*, em F. L. Cavazza e S. R. Graubard (org.), *Il caso italiano, Italia anni'70*, Garzanti, Milão, pp. 534-52.

Lévi-Strauss, C.

1962 *La Pensée Sauvage*, Plon, Paris.

Lyons, J.

1968 *Introduction to Theoretical Linguistics*, Cambridge University Press, London.

Malrieu, Ph.

1953 *Les origines de la conscience du temps. Les attitudes temporelles de l'enfant*, Presses Universitaires de France, Paris.

Marwick, A.

1970 *The Nature of History*, Macmillan, London.

Marx, K.

[1857-58] *Grundrisse der Kritik der politischen Ökonomie (Rohentwurf)*, Dietz, Berlin, 1953.

[1970] Letters a César de paepe del 14 settembre, em K. Marx e F. Engels, *Werke*, vol. XXXIII, Dietz, Berlin, 1966, pp. 146-49.

Miquel, A.

1977 *Un conte des "Milles et une nuits": "Ajb et Gharib"*, Flammarion, Paris.

Morgan, J. S.

1966 *Le temps et l'intemporel dans le décor mural de deux églises romanes*, em *Mélanges offerts à René Crozet*, Société d'études médiévales, Poitiers, I, pp. 531-48.

Nora, P.

1966 *Le 'fardeau de l'histoire' aux États Unis*, em *Mélanges Pierre Renouvin*, Études d'Histoire des Relations Internationales, Presses Universitaires de France, Paris, pp. 51-74.

Nora, P.

1978 *Présent*, em J. Le Goff, R. Churtea e J. Revel (org.), *La nouvelle histoire*, Retz, Paris, pp. 467-72.

Piaget, J.

1946 *Le développement de la notion de temps chez l'enfant*, Presses Universitaires de France, Paris.

Romano, S.

1977 *Histoire de l'Italie du Risorgimento à nos jours*, Seuil, Paris.

[pg. 230]

Romilly, J. de

1947 *Thucydide et l'impérialisme athénien*, Les Belles Lettres, Paris.

1956 *Histoire et raison chez Thucydide*, Les Belles Lettres, Paris.

Rousseau, J.-J.

[1765-76] *Les Confessions*, Genebra, 1782 e 1789 (trad. portuguesa: Portugália, Lisboa, s.d.).

Rousset, P.

1951 *La conception de l'histoire à l'époque féodale*, em *Mélanges d'histoire du Moyen Age*, dédiés à la mémoire de Louis Halphen, Presses Universitaires de France, Paris, pp. 623-33.

Ruffié, J.

1976 *De la biologie à la culture*, Flammarion, Paris.

Saussure, F. de

[1906-11] *Cours de linguistique générale*, Payot, Lausanne-Paris, 1916 (1970) (trad. portuguesa: Dom Quixote, Lisboa, 1978). Stelling-Michaud, J.

1959 *Quelques problèmes du temps au Moyen Age*, em "Études suisses d'histoire générale", XVII.

Tenenti, A.

1957 *R senso della morte e l'aurora della vita nel Rinascimento (Francia e Italia)*, Einaudi, Turim.

Vendryés, J.

1921 *Le langage, introduction linguistique à l'histoire*, Le Renaissance du Livre, Paris; nova ed. Michel, Paris, 1968.

Weinrich, H.

1971 *Tempus. Besprochene und erzählte Welt*, Kohlhammer, Stuttgart.

A distinção entre os dois termos é essencial quer como cognição do tempo (cf. *tempo/temporalidade*), quer como operação (cf. *operações*) da *ciência* e da consciência histórica (cf. *consciência/autoconsciência, história*). Momentos distintivos privilegiados entre os dois termos.. são *a revolução, a guerra*, a mudança de regime político (cf. *política*), fomes, epidemias, etc. Em psicologia (cf. *soma/psyche*), principalmente a infantil (cf. *infância*) ou da evolução etária (*evolução*), passado, presente e futuro são adquiridos como conceitos (cf. *conceito*), ao mesmo tempo que a percepção do tempo em conexão com os modos de determinação *da memória*. Em lingüística, as distinções passado/presente/futuro não só não se determinam naturalmente (cf. *natureza/cultura*), como também se determinam de modo diferente conforme *a língua*, na linguagem (cf. *linguagem*) e as condições sociais de quem fala (cf. *língua/fala*), etc. No pensamento

selvagem (cf. *civilização, anthropos, homem, caça/coleta*), as próprias distinções são menos marcadas e a profundidade ou espessura do passado (cf. *espaço-tempo*) mais simplificadas. Na consciência histórica, as conexões passado/presente/futuro apresentam-se de vários modos: por exemplo, o passado pode apresentar-se como *modelo* (cf. *clássico*) do presente ou como idade mítica (cf. *idades míticas*); o presente em relação ao passado (ou o passado menos remoto em relação a um mais remoto) como *decadência* ou progresso; o futuro aparece em relação ao presente ou ao passado também como decadência, progresso ou palingênese (cf. *escarologia*); e ainda, o presente em relação ao passado, tal como o passado menos remoto em relação a um passado mais remoto, como a antiguidade em relação à modernidade [pg. 231] (cf. *antigo/moderno*); o passado menos remoto, o presente e o futuro, em relação ao passado como retorno, renascimento, recorrência (cf. *recursividade, ciclo*). Finalmente, relações entre passado/presente ou presente/futuro aparentemente progressistas têm uma substância reacionária e vice-versa (cf. *progresso/reação*).